



Russos fecham o cerco a Kiev e Mariupol

Cidades resistem como podem ao avanço das tropas invasoras. Presidente Zelensky diz que 79 crianças morreram até agora

As forças russas se posicionaram em torno de Kiev, na manhã de ontem, bombardearam áreas civis de outras cidades ucranianas, incluindo um hospital de Mykolaiv e bairros civis de Mariupol, cidade portuária do Sudeste sob ataque há duas semanas.

Bombas e mísseis russos atingiram o aeroporto de Vasylykiv, a cerca de 40km ao sul de Kiev, onde um depósito de gasolina pegou fogo, segundo o prefeito da cidade. Os subúrbios do noroeste da capital, como Irpin e Busha, estão sob ataque russo há dias, enquanto os blindados de Moscou avançam ao longo do eixo nordeste. O assessor da Presidência ucraniana, Mikhailo Podolyak, afirmou que a capital "está sitiada".

O exército ucraniano indicou que as tropas russas concentram seus esforços na capital, em Mariupol e em cidades da região central do país, como Krivói Rog, Nikopol e Zaporizhzhia. A mídia local também informou a ativação de sirenes antiaéreas em Odessa, Dnipro e Kharkiv.

Em uma transmissão para milhares de pessoas que se reuniram em uma praça de Florença (Itália) para apoiá-lo, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, destacou a morte de 79 crianças vítimas da guerra. Depois, em entrevista coletiva, informou que cerca de 1,3 mil militares ucranianos foram mortos desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro.

Zelensky disse ainda que o exército russo perdeu "cerca de 12 mil homens", o que representa uma "relação de 1 para 10 (em relação aos soldados mortos do lado ucraniano), o que, no entanto, não me deixa feliz", declarou.

Em 2 de março, o exército russo — que mobilizou cerca de 150 mil soldados para a guerra — divulgou ter perdido 500 militares em combate, número que não foi atualizado desde então.

AFP



Crônica de uma guerra: carro perfurado por tiros é abandonado em uma rua de Irpin, ao Norte de Kiev. A boneca ficou pelo caminho

O Pentágono, por sua vez, estimou as baixas russas entre 2 mil e 4 mil combatentes.

Flagelo

Após 12 dias sob ataque, os habitantes de Mariupol, no Mar de Azov, estão incomunicáveis, sem água, gás ou eletricidade. Há briga até para conseguir comida. É uma situação "quase desesperadora", alertou a ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF).

"O inimigo ainda está bloqueando Mariupol", disse o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. "As tropas russas não

deixaram nossa ajuda entrar na cidade", criticou, prometendo uma nova tentativa para levar suprimentos e retirar moradores.

"Mariupol atacada é atualmente a pior catástrofe humanitária do planeta. São 1.582 civis mortos em 12 dias, enterrados em valas comuns, como esta", disse o diplomata-chefe da Ucrânia, Dmytro Kuleba, em um tuíte acompanhado da foto de uma vala com cadáveres.

Enquanto isso, na cidade de Mykolaiv, no Sul, um hospital foi incendiado e muitos moradores tiveram que fugir. "Eles estão atacando áreas civis, sem nenhum

alvo militar. Aqui há um hospital, um orfanato e uma clínica oftalmológica", disse o chefe do hospital, Dmytro Lagochev.

A crise humanitária está se agravando, com quase 2,6 milhões de pessoas exiladas da Ucrânia desde o início da invasão russa em 24 de fevereiro, segundo dados da ONU.

A eles devem ser adicionados cerca de dois milhões de deslocados internos, disse o chefe da Agência da ONU para Refugiados (Acnur), Filippo Grandi.

Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, sem apresentar provas, acusou as forças



Mariupol atacada é atualmente a pior catástrofe humanitária do planeta. São 1.582 civis mortos em 12 dias, enterrados em valas comuns"

Dmytro Kuleba, diplomata-chefe da Ucrânia

Só ucranianos são bem-vindos

Milhões de refugiados ucranianos estão chegando aos países da Europa Central e Ocidental, próximos culturalmente, que veem, por enquanto, com agrado essa mão de obra adicional e, em muitos casos, qualificada. Mas, os efeitos desse êxodo massivo preocupam. Romênia, Hungria, Moldávia e Bulgária são Estados que, desde o fim da era comunista, estão mais acostumados a ver sua população ir embora do que a receber imigrantes.

Mesmo que a falta de mão de obra e o crescimento econômico sólido de alguns desses países tivessem feito com que, nos últimos anos, fosse necessário recorrer aos trabalhadores ucranianos, os números vistos há semanas são um grande desafio.

Mais de 2,5 milhões de civis fugiram das bombas russas desde 24 de fevereiro, quando a invasão foi deflagrada pela Rússia. O destino deles são, em um primeiro momento, os países vizinhos, que estão entre os mais

despovoados do planeta.

É uma oportunidade que não se deve deixar passar, segundo um empresário de Sofia, capital da Bulgária. Em uma carta ao governo, os representantes patronais recordaram que os ucranianos poderiam ocupar até 200 mil postos de trabalho que estão livres em setores de informática, hotelaria, construção e têxtil.

Sobretudo porque os recém-chegados são, também, em sua maioria, eslavos e cristãos ortodoxos. Usam o alfabeto cirílico e, segundo o primeiro-ministro, Kiril Petkov, são "inteligentes, educados e altamente qualificados". "São europeus, estamos prontos para recebê-los", disse.

Os responsáveis das empresas olham com especial agrado aos búlgaros que viviam na Ucrânia. Na Bulgária, país de 6,5 milhões de habitantes, o Estado mais pobre da União Europeia, há 200 mil ucranianos recenseados, um número que pode subir se os russos tomarem o controle da cidade de

Odessa, no Mar Negro, mais perto da fronteira entre os dois países.

"Sabemos diferenciar"

Por enquanto, o país se mostra acolhedor, assim como a Hungria, que, no entanto, adota, desde 2015, uma política de tolerância zero com os imigrantes clandestinos que cruzam a fronteira do país com a Sérvia, vindos do Oriente Médio.

É algo lógico para Viktor Orban, um nacionalista que está no poder há doze anos e em plena campanha para conseguir um quarto mandato consecutivo, em 3 de abril. "Sabemos diferenciar", disse, claramente, o mandatário.

Os migrantes que vêm do Sul, os prendemos. Os refugiados têm direito à nossa ajuda", resumiu, sem meias palavras, aos jornalistas na semana passada.

A ONU recorda que, desde 1945, não houve uma onda tão importante e tão rápida de deslocados na Europa.

AFP



Voluntária faz bolhas de sabão para uma criança refugiada em Chisinau, capital da Moldávia

"Como vai ser absorvida pela Europa? Com certeza, causará problemas", previu Brad Blitz, professora da University College de Londres.

Um exemplo é a Moldávia, com 2,6 milhões de habitantes, que já registra 105 mil refugiados da Ucrânia.

"Para enfrentar isso, precisamos de ajuda e de maneira rápida", disse Natalia Gavrilita, primeira-ministra dessa antiga república soviética, que não faz parte da União Europeia (UE).

Os 27 membros da União Europeia têm que se preparar "para receber centenas de milhares

ucranianas de "violações flagrantes" do direito humanitário e, em conversas telefônicas, pediu a seu homólogo francês, Emmanuel Macron, e ao chanceler alemão, Olaf Scholz, que pressionem Kiev a acabar com elas.

Segundo nota do Kremlin, Putin citou como exemplo de violações "assassinatos extrajudiciais de opositores", "tomada de reféns por civis" e seu "uso como escudo humano".

Macron e Scholz também conversaram por telefone com Zelensky, que pediu ajuda para libertar o prefeito da cidade de Melitopol, no Sul, que, segundo as autoridades locais, foi sequestrado por soldados russos no dia anterior.

Vodka e caviar

Os Estados Unidos e seus aliados ocidentais continuam exercendo pressão econômica sobre Moscou, abrindo a porta para tarifas punitivas e menos comércio com o país. A União Europeia e o G7 uniram-se a Washington para revogar o status de "nação mais favorecida" da Rússia, que facilita a troca de bens e serviços. Além disso, o presidente dos EUA, Joe Biden, anunciou a proibição das importações de peixes, frutos do mar, vodka e diamantes russos.

Além da pressão econômica, os países ocidentais enviaram equipamentos militares para a Ucrânia, mas evitam um confronto direto entre a Otan e Moscou, o que, nas palavras de Biden, provocaria a "Terceira Guerra Mundial".

A Rússia avisou, ontem, que poderá atacar comboios que levem armamento para a resistência ucraniana. "Nós alertamos os Estados Unidos que a entrega de armas que eles estão orquestrando, de vários países, não é apenas um ato perigoso, mas, também, transforma esses comboios em alvos legítimos", alertou o vice-chanceler russo, Sergei Ryabkov.